

A experiência pedagógica em torno do território na EAUM: Duas oportunidades

Rute Carlos

Investigadora do Laboratório de Paisagens, Património e Território / Professora auxiliar no Mestrado Integrado em Arquitetura da Escola de Arquitetura da Universidade do Minho.

Vou falar da minha experiência pedagógica a partir de duas circunstâncias que, numa análise retrospectiva, se revelam claramente determinantes das atuais práticas de ensino em torno do território, na EAUM. Refiro-me à revisão do plano de estudos em resposta a Bolonha e à adoção do Vale do Ave como tema de investigação e projeto.

A oportunidade do novo plano de estudos do MIARQ, de acordo com Bolonha

Olhando retrospectivamente para os quase vinte anos de existência da EAUM, pode afirmar-se que a revisão curricular encetada em 2006 para cumprimento da *Declaração de Bolonha* constituiu uma oportunidade para reformular o ensino e, designadamente, para ampliar e aprofundar as práticas na área de Território.

No período pré-Bolonha (1997–2006), a prática projetual na área do Território restringia-se ao último ano da Licenciatura, com *Projeto V* («Projeto Urbano»). Esta UC era complementada por *Teoria IV*, constituindo um conjunto que visava fornecer aos alunos uma base de conhecimentos teórico-práticos para a intervenção no território. O «Projeto Urbano» permitia ainda testar/aplicar conhecimentos eminentemente teóricos, antes adquiridos em

Planeamento Urbano e Economia Urbana (4.º ano) e *Urbanística Contemporânea* (3.º ano), disciplinas ministradas por docentes de outras áreas científicas da UM.

No período pós-Bolonha (2006-actualidade), o plano de estudos formulado para o Mestrado Integrado em Arquitectura introduziu uma divisão em dois ciclos: um 1.º ciclo de conhecimentos elementares; e um 2.º ciclo autonomizado de modo a permitir que cada estudante escolha, em cada semestre, uma de três áreas temáticas/curriculares. Esta estrutura foi fundamental. Foi ela que permitiu a criação de uma área de Cidade e Território (a par de Construção e Tecnologia e Cultura Arquitectónica).

No 1.º ciclo, o ensino nesta área foi condensado na UC de *Laboratório de Urbanística* do 3.º ano, que introduz uma forte componente prática e inclui módulos teóricos de *Urbanística Contemporânea* e *Planeamento Urbano*. Esta UC pretende garantir uma introdução a estes temas e é comum a todos os alunos.

No que respeita aos dois anos do 2.º ciclo (4.º e 5.º anos), os alunos têm a possibilidade de frequentar dois de três *ateliers* semestrais na área de Cidade e Território: 1A – *Paisagem*, 2A – *Território* e 3A – *Espaço Público*.

Cada *atelier* é um espaço de prática laboratorial em torno de uma temática específica, comum também a duas outras UC – *Seminário* e *Obrigatória* –, nas quais se produz um enquadramento teórico e crítico para o projeto. Constitui-se assim um conjunto coeso de UC, que, quando lecionadas por docentes provenientes de diferentes áreas disciplinares, contribuem para uma prática de projeto interdisciplinar.

Também na área de Cidade e Território, o 2.º ciclo oferece ao longo dos três semestres, independentemente da área curricular escolhida pelo aluno, um conjunto de UC opcionais de enfoque específico, tais como *Paisagem Moderna*, *Avaliação da Qualidade Urbana*, *Representação da Paisagem Urbana e Natural*, *Economia Urbana*, *Instrumentos de Ordenamento do Território*, *Urbanismo de Emergência*, *Cidade e Cinema* e *Património Urbano*. Também aqui, participam docentes de várias áreas disciplinares.

Por fim, Cidade e Território é uma das áreas em que os estudantes podem desenvolver as suas teses finais de *Laboratório de Investigação* (com início no 2.º semestre do 5.º ano), seja como «dissertação», seja como «projeto».

Esta nova estrutura estabeleceu uma flexibilidade curricular que oferece aos alunos a possibilidade de optar por um percurso pessoal, de acordo com as suas vocações e interesses. Por outro lado, o incremento dos tempos letivos afetos à área do Território permitiu que o seu ensino se alargasse a contributos temática e disciplinarmente diversos, assimilando conhecimentos das áreas da geografia, do planeamento, do paisagismo, etc. E, deste modo, ampliou-se o campo disciplinar da Arquitetura subjacente ao ensino na EAUM.

Este plano curricular tornou explícita a opção da EAUM quanto a assumir a questão do Território como um tema central da produção de conhecimento e da investigação na instituição, que desejavelmente poderão ter novos desenvolvimentos no âmbito do ainda recente centro de investigação Lab2PT da UM.

A oportunidade do Vale do Ave

O Vale do Ave tem constituído desde sempre um tema de trabalho privilegiado na EAUM. A sua escolha como lugar de estudo de grande parte dos exercícios realizados ao longo destes anos adveio de razões óbvias de proximidade geográfica, mas também da herança deixada pelo professor Manuel Fernandes de Sá – primeiro responsável da disciplina de *Projeto V* –, que desde o início focou o projeto urbano em áreas do difuso do Vale do Ave.

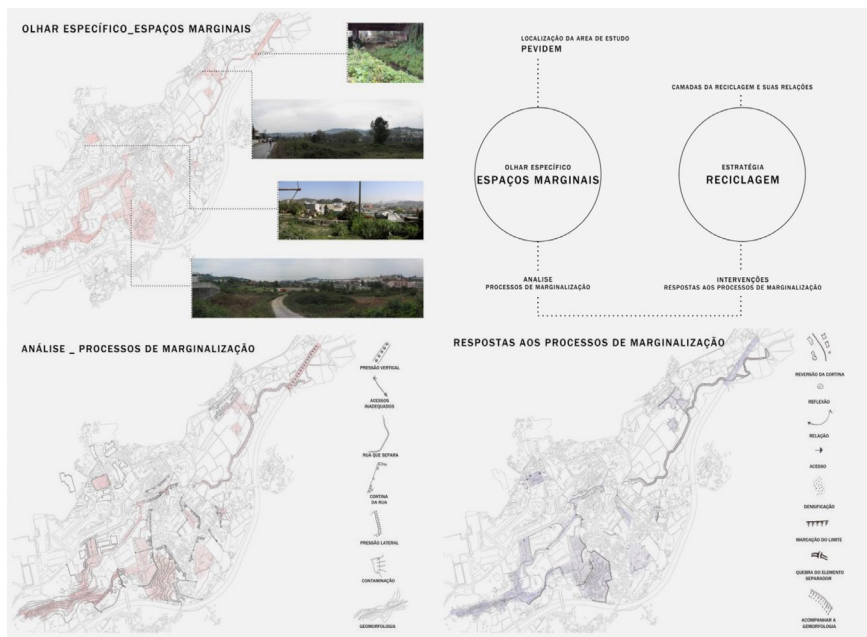
A dificuldade que este território oferece à aplicação de ferramentas analíticas e métodos de intervenção convencionais foi desde logo tomada como desafio e estímulo. O Ave tornou evidente a necessidade de uma prática de experimentação em torno do *território*, em alternativa ao discurso que enfatiza a visão canónica da *cidade* e que privilegia os seus modelos mais reconhecíveis de consolidação e expansão. Como resposta, foi necessária uma considerável abertura disciplinar.

Fig. 1. Aproximação. *Atelier 1A – Paisagem*. Pevidém 2011/2012.
 Anna Cavallero, Giacomo Bonato, Karina Barreto, Tania Arêde. [pág. 68, 69]



Diferentes professores, diferentes alunos e diferentes contextos de intervenção têm vindo a originar aproximações específicas em cada um dos três *ateliers*, mas, apesar disso, é possível identificar aspetos que lhes são comuns e que, de certa forma, caracterizam as práticas pedagógicas da EAUM em torno do território. De um modo genérico, pode dizer-se que estas práticas assentam numa metodologia de «observação – descoberta».

Na ausência de um programa previamente fornecido aos alunos, o trabalho assenta na construção de um olhar próximo sobre o lugar, e na identificação de temas próprios desse lugar que, por sua vez, conduzam à formulação de modos de atuar. Alheando-se de modelos apriorísticos, esta metodologia pretende rentabilizar o potencial específico de cada lugar, ou seja, o lugar não fornece dados que são sujeitos a um determinado método pré-estabelecido e, em vez disso, serve de ponto de partida para a própria definição de um método. O jogo está aberto a que seja o aluno a conduzir o processo que vai desde o contacto com o lugar até à intervenção.

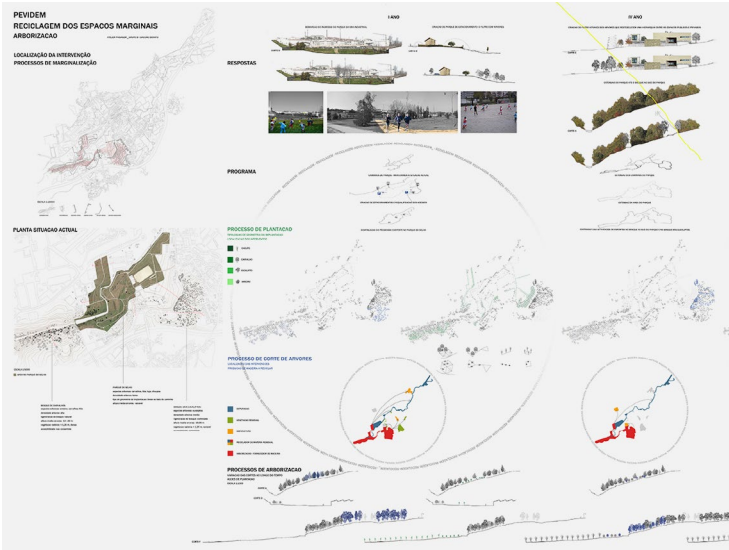
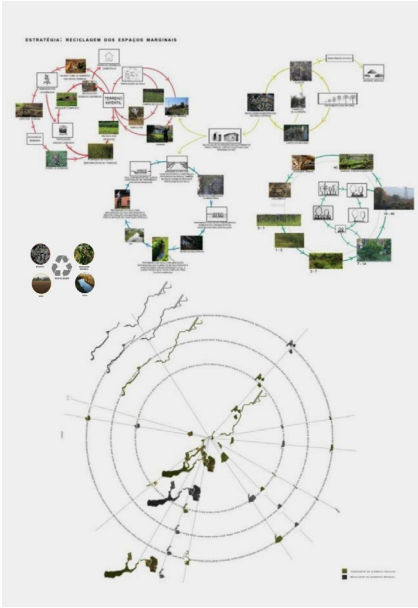


Não sendo a presente circunstância adequada a identificar as cambiantes metodológicas dos vários *ateliers*, proponho referir-me sinteticamente à minha própria experiência pedagógica no *Atelier 1A – Paisagem*, que julgo representativa do conjunto.

Os exercícios que proponho, seguindo os pressupostos gerais que identifiquei, são organizados sequencialmente em três fases:

1 Aproximação ao lugar

A partir da **observação *in situ*** e da **exploração do lugar**, os alunos deverão construir uma narrativa crítica e seletiva que permita **fixar o olhar** e apontar um conjunto articulado de temas de intervenção. Pretende-se, nesta fase, que o aluno: construa uma aproximação que permita reconhecer o lugar a partir da sua especificidade (características, processos e tempos: a geografia, ciclos naturais, mobilidade, tipologias de usos e atividades, etc.); valore aspetos nele contidos; e encontre/invente modalidades



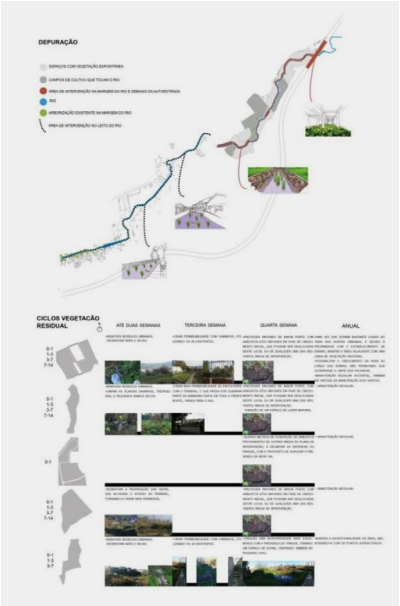


Fig. 2. Estratégia. *Atelier 1A – Paisagem*. Pevidém 2011/2012.
 Anna Cavallero, Giacomo Bonato, Karina Barreto, Tania Arêde.
 [pág. 70 e 71]

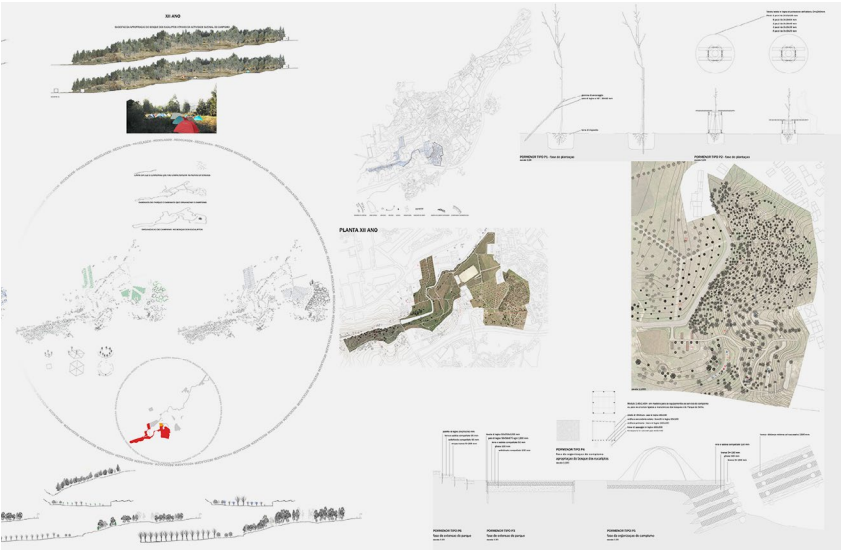


Fig. 3. Atuação. *Atelier 1A – Paisagem*. Pevidém 2011/2012.
 Giacomo Bonato.
 [pág. 70 e 71]

de representação que não só lhe sejam adequadas como se transformem em instrumentos de projeto (nesta fase e nas seguintes).

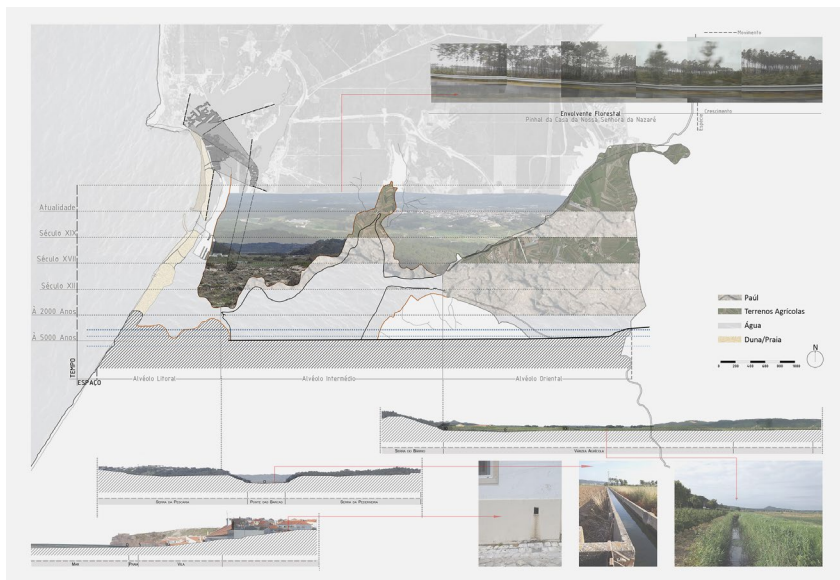
2 *Estratégia*

A partir da **exploração do conjunto de temas** anterior, os alunos deverão **descobrir e desenvolver as ferramentas** que permitem sintetizar o processo de atuação, enquadrando-o num **projeto estratégico** capaz de determinar em simultâneo um método de atuação e um compromisso possível com o lugar, definindo programa(s), escala(s) e tempos(s) de intervenção. Estabelecer uma estratégia significa propor ações com base num olhar intencional; significa agir através de operações justificadas a partir do lugar e tendo em consideração o tempo.

3 *Atuação*

A partir da **exploração da estratégia**, cada aluno irá **desenvolver a capacidade de transformação** que implica uma **atuação**, produzindo ensaios de materialização e desenvolvendo as ferramentas que os permitirão sintetizar. Esta fase começa por se centrar na seleção e delimitação dos espaços onde se ensaia ou simula a transformação dos elementos que constroem os lugares, assim como nas consequências dessa transformação nas mais diversas escalas – próximas e longínquas – e no tempo.

Estas experiências que tenho levado a cabo parecem-me constituir um laboratório para a possibilidade de atuar sobre as dinâmicas atuais a partir da mínima intervenção, entendida como detonante de processos que se prolongam no tempo. Não se trata, portanto, de chegar a projetos acabados, mas a propostas de mediação entre o lugar e a descoberta do possível.



Transversal a todas estas experiências é também o processo de descoberta das modalidades de representação: quer no modo como se elegem, selecionam, decodificam e explicam lógicas, processos e tempos inerentes aos próprios lugares; quer no modo como se cruzam e aplicam saberes e métodos de outras áreas disciplinares; quer, por fim, no modo como se inventam, criam e constroem cenários sobre os quais se apoiam as novas visões do futuro.

Este é talvez o maior legado de prática pedagógica da EAUM, cujas teses de dissertação ou trabalho de projeto são o seu maior testemunho.

Fig. 4. Projeto de Representação da Impermanência Entre a Nazaré e a Lagoa da Pederneira. Marisa Fernandes. Tese de Cidade e Território do Miarq. 2014